

MARÍA DE SANABRIA ([2006] 2008): A AVENTURA DE UMA MULHER EM DIREÇÃO AO NOVO MUNDO NO SÉCULO XVI

Beatrice Uber ¹
Tatiane Cristina Becher ²

RESUMO

O romance *María de Sanabria* ([2006] 2008), de Diego Bracco, aborda a lendária expedição de María de Sanabria, protagonista da obra, que parte da Espanha em direção ao Rio da Prata, em meados do século XVI. Os principais objetivos dessa personagem são conduzir sua tropa de mulheres ao Novo Mundo para levar a palavra de Deus àqueles considerados “selvagens”, ofertar uma oportunidade para algumas mulheres se redimir de atitudes que foram consideradas pecados e, por meio do matrimônio com conquistadores espanhóis, gerar filhos legítimos com o intuito de evitar uma miscigenação entre o povo europeu e o nativo. Nessa obra, a protagonista se mostra uma jovem destemida e capaz de reformular a consciência histórica em relação às ações femininas do século XVI. O romance mescla eventos históricos aos fictícios e, assim, objetivamos evidenciar uma releitura crítica mediadora dos acontecimentos difundidos pela historiografia tradicional, enquadrando-o na mais recente modalidade do gênero romance histórico – o romance histórico contemporâneo de mediação. Nossa análise está ancorada, principalmente, nos pressupostos teóricos de Mata Induráin (1995), Márquez Rodríguez ([1991] 1996), Pesavento (1999), Fernández Álvarez (2002), Aínsa (2003), Fleck (2017) e Sharpe ([1991] 2011). Esse artigo contemplou a presença da protagonista María de Sanabria dentro da área literária, apresentou uma ressignificação fictícia da sua imagem, uma releitura da sua aventura marítima até chegar ao Brasil e constatou que parte dos seus objetivos principais ainda não haviam sido alcançados. Além disso, destacou a descentralização do fazer masculino no Novo Mundo ao evidenciar uma mulher à frente de uma expedição.

Palavras-chave: *María de Sanabria* (2008), Diego Bracco, Romance histórico contemporâneo de mediação, Romance histórico, Literatura Espanhola.

INTRODUÇÃO

A temática desse artigo se debruça sobre a figura histórica chamada María de Sanabria. Uma mulher espanhola nascida no século XVI e filha de Mência Calderón de Sanabria e João de Sanabria, a quem o rei espanhol havia prometido governo em parte da região do Rio da Prata. Segundo Schumacher e Brazil (2000), o pai faleceu e o irmão, Diogo de Sanabria, capitaneou a expedição que deixou a Espanha com três embarcações, cerca de 300 pessoas e 50 mulheres. María de Sanabria, sua mãe e seus irmãos aportaram no Brasil no

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras, área de concentração: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, bea_uber@hotmail.com;

² Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras, área de concentração: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, taati.becher@gmail.com;

ano de 1522, na região de São Francisco do Sul, no litoral de Santa Catarina, e ela foi considerada uma das primeiras mulheres europeias, com registro histórico, a participar de uma ocupação de terras brasileiras. Schumacher e Brazil (2000) também destacaram que quem descreve o encontro com María de Sanabria na região de São Francisco do Sul é o viajante alemão Hans Staden.

A obra *María de Sanabria* ([2006] 2008), de Diego Bracco, um romance histórico, apresenta a história dessa mulher que atua como protagonista da diegese. Ela se mostra uma jovem destemida e capaz de reformular a consciência histórica em relação às ações femininas no século XVI. A partir disso, buscamos reler a narrativa apresentada pela historiografia tradicional com a premissa de que a coragem de María de Sanabria não deve ser esquecida, mas destacada e trazida à tona para que suas ações continuem vivas na memória das pessoas, pois o ato de reler a história coloca evidência a “história vista de baixo” (SHARPE, [1991] 2011), daqueles que foram excluídos e marginalizados, ofertando uma nova perspectiva dos acontecimentos.

Ademais, mostramos como essa protagonista conduziu sua tropa de mulheres ao Novo Mundo com o intuito de levar a palavra de Deus àqueles considerados “selvagens”, ofertar uma oportunidade para algumas mulheres se redimir de atitudes que foram consideradas pecados e, por meio do matrimônio com conquistadores espanhóis, gerar filhos legítimos com a intenção de evitar uma miscigenação entre o povo europeu e o nativo.

O romance *María de Sanabria* (2008) mescla eventos históricos aos fictícios e, por isso, abordamos aqui, de maneira breve, as fases e modalidades do gênero romance histórico, mas, com um estudo de maior fôlego, objetivamos evidenciar uma releitura crítica dos acontecimentos difundidos pela historiografia tradicional e enquadrá-lo na mais recente modalidade do gênero romance histórico – o romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2007, 2011, 2017). Assim, nossa análise metodológica de cunho bibliográfico está ancorada, principalmente, nos teóricos que abordam o gênero romance histórico, como Mata Induráin (1995), Márquez Rodríguez ([1991] 1996), Aínsa (2003), Fleck (2007, 2011, 2017) e Sharpe ([1991] 2011). Além desses, contamos com o conhecimento histórico de Pesavento (1999) e, sobre a mulher espanhola no período renascentista, de Fernández Álvarez (2002).

Em nosso estudo, contemplamos a presença da protagonista María de Sanabria dentro da área literária, apresentamos uma ressignificação fictícia da sua imagem e uma releitura da sua aventura marítima até chegar ao Brasil. Por meio dessa análise, concluímos que parte de seus objetivos principais ainda não haviam sido alcançados, porém destacamos a descentralização do fazer masculino no Novo Mundo ao mostrar uma mulher à frente de uma

expedição e todas as dificuldades enfrentadas por ela. Romances históricos contemporâneos de mediação (FLECK, 2007, 2011, 2017), como esse, atualizam a temática da colonização americana e propiciam vieses alternativos àqueles difundidos pela história hegemônica.

DESENVOLVIMENTO

As áreas da literatura e da história estiveram irmanadas por muito tempo e “foram consideradas ramos da mesma árvore do saber” (HUTCHEON, 1991, p. 141). De acordo com Hutcheon (1991), ambas obtiveram suas forças a partir da verossimilhança, pois foram

[...] identificadas como constructos linguísticos altamente convencionalizadas em suas formas narrativas, e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura: e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa. (HUTCHEON, 1991, p. 141).

As primeiras manifestações narrativas da história sempre estiveram entrelaçadas com uma base literária e isso seguiu até o século XIX. White ([1973] 2019), por exemplo, acredita que os estilos historiográficos se distinguem quanto ao modo de elaboração do enredo – romanescos, trágicos, cômicos e satíricos –, o modo de argumentação – formista, mecanicista, organicista e contextualista – e o modo de implicação ideológica – anarquista, radical, conservador e liberal. Assim, cabe a cada historiador desenvolver uma forma como o evento histórico será narrado e apresentado a seu público.

De maneira geral, “a história se identifica com o real e, por extensão, com a verdade do acontecido.” (PESAVENTO, 1999, p. 819). Assim, quando uma pessoa afirma que algo aconteceu, temos “a presença de um narrador que mediatiza aquilo que viu, vê ou ouviu falar e que conta e explica a terceiros uma situação não presenciada por estes.” (PESAVENTO, 1999, p. 819). Na ficção, também não é muito diferente, pois há uma voz narrativa que se coloca na posição de apresentar uma situação guiando seu leitor ao evento acontecido. Pesavento (1999, p. 820) define a ficção “como ato ou efeito de ‘colocar no lugar de’, ‘dar o efeito de real’, como se aquilo que se passou longe do olhar e da vida dos ouvintes ali estivesse [...]”.

Nesse sentido, citamos o gênero romance histórico – uma mescla de eventos reais e fictícios –, um exemplo literário que conecta as áreas históricas e literárias, diluindo fronteiras e promovendo renovações temáticas. Segundo Mata Induráin (1995, p. 18), “*el autor no debe olvidar que en su obra todo ese elemento histórico es lo adjetivo, y que lo sustantivo es la*

novela.³ Por isso, na perspectiva desse autor, o romance histórico deve promover certo equilíbrio entre o eixo temático e o histórico, mas tentar reconstruir a época na qual sua ação está situada.

O escocês Walter Scott é considerado o “pai” do romance histórico no século XIX. Suas obras iniciais de destaque foram *Waverly* (1814) e *Ivanhoé* ([1819] 2003). Em sua escrita, algumas características se sobressaíam, como: um pano de fundo histórico com eventos reais mais ou menos distantes do seu autor; um episódio fictício com personagens que não existiram e foram criados a partir da imaginação do autor; um caso de amor com um final feliz ou trágico; e a parte fictícia como parte constitutiva do primeiro plano da narrativa (MÁRQUEZ RODRIGUEZ, 1996).

O romance histórico transformou-se com o decorrer do tempo e a modalidade clássica scottiana, que antes difundia um herói ou a coletividade de seu povo, dividiu o palco literário com obras de maior criticidade. Conforme Mata Induráin (1995), mesmo após as grandes crises históricas, como a I e II Guerra Mundial, o gênero manteve-se cultivando e ganhou terreno em vários países a partir de diversas formas e temas. Segundo Fleck (2017, p. 131), a divisão desse gênero literário encontra-se dividida entre três fases e cinco modalidades.

A primeira fase denomina-se como uma fase acrítica e engloba duas modalidades: a clássica scottiana e a tradicional. A modalidade clássica esteve em voga desde 1814 até meados do século XX e a tradicional, desde 1826 até os dias atuais. Ambas buscam exaltar o herói da narrativa e corroboram as versões difundidas pela historiografia tradicional, ressaltando a visão hegemônica.

A segunda fase recebe o nome de fase crítica/desconstrucionista e abarca duas modalidades: o novo romance histórico latino-americano (AÍNSA, 1991; MENTON, 1993) e a metaficção historiográfica (HUTCHEON, 1991). A primeira teve sua produção a partir de 1949 e a segunda, com a pós-modernidade. Nelas podemos encontrar a distorção de um período histórico, manipulações temporais, a presença de recursos bakhtinianos – dialogia, polifonia, heteroglossia e carnavalização – e intertextuais, bem como comentários do narrador e/ou autor da obra sobre o processo de criação da obra fictícia.

A terceira fase recebe o nome de crítica/mediadora e constitui-se de apenas uma modalidade, a mais recente de todas: o romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2007, 2011, 2017). Sua vigência passa pelo final da década de 1970 e início de 1980

³ Nossa tradução: O autor não deve esquecer que em sua obra todo o elemento histórico é o adjetivo e que o substantivo é o romance.

até os dias de hoje. De acordo com Fleck (2011, p. 82), “nela se percebe a manifestação de tentativas de conciliação entre as modalidades antecedentes.” Além disso, podemos afirmar:

O romance histórico contemporâneo de mediação é, pois, produto da própria releitura contemporânea que o gênero romance histórico efetua de sua trajetória, num intenso processo de autorrenovação que faz do romance histórico a expressão mais apreciada do gênero romanescos ainda em nossos dias. (FLECK, 2017, p. 107).

Devido ao fato dessa modalidade apresentar uma perspectiva inovadora, contamos com suas características para efetuar a análise do romance histórico *María de Sanabria* (2008), de Diego Bracco.

A protagonista do romance, María de Sanabria, vive na Espanha e a diegese se passa em meados do século XVI. Ela é filha de Mencía de Sanabria e Juan de Sanabria, que tinha parentesco com o conquistador espanhol Hernán Cortez. Embora Juan esteja enfermo e corra o risco de falecimento, ele deseja colocar em prática uma expedição até o Rio da Prata, local onde o rei da Espanha lhe prometeu governo. Todavia, como María está cansada de viver sob a tirania do pai, ela arquiteta sua própria expedição para se deslocar até a Região da Prata e, posteriormente, até as Índias. Assim, é a partir dessa perspectiva – a de uma mulher, marginalizada e inferiorizada – que os eventos da obra tomam forma. Ela decide angariar mulheres para sua viagem, levar a palavra de Deus aos “selvagens”, possibilitar a chance de algumas mulheres se redimirem de seus “pecados” e ofertar matrimônio legítimo entre espanhóis, evitando a miscigenação de raças.

De acordo com Sharpe (2011), a partir do século XX, os historiadores sentiram a necessidade de compreender o povo por meio de seu passado e não apenas continuar difundindo a perspectiva dos detentores do poder. Cansados das “belas histórias”, houve o desejo de conhecer o prisma daqueles que eram menosprezados, como as mulheres, negros, crianças, entre outros. Sharpe (2011) então utiliza os termos história “vista de cima” e história “vista de baixo” para delimitar o ponto de vista das classes e promover uma nova história a partir de vários temas e perspectivas.

O ponto de vista dos conquistadores do Novo Mundo exaltava uma perspectiva hegemônica, isto é, da história “vista de cima” (SHARPE, 2011), daqueles que sempre difundiam os conceitos de certo e errado para os demais povos. É evidente que aqueles que optam por divulgar a história “vista de baixo”, consoante a Sharpe (2011), “tornam claro que existe muito mais, que grande parte de seus segredos, que poderiam ser reconhecidos, ainda estão encobertos por evidências inexploradas.” (SHARPE, 2011, p. 62).

Desde os primeiros contatos entre povos europeus e americanos, as repercussões históricas na literatura refletiram um olhar eurocentrista, ressaltando as conquistas decorrentes da expansão de países europeus que navegavam em busca de especiarias, novas terras e escravos. Consoante a Fleck (2007), há pouco mais de meio milênio, os europeus chegaram à América e passaram a fundar suas colônias e explorar as terras desse continente. A partir de então, a nossa história passou a ser contada sob a perspectiva dos colonizadores, homens brancos europeus, isto é, da história “vista de cima” (SHARPE, 2011).

O romance histórico, em sua fase crítica, trouxe para a literatura releituras da nossa história outrora escrita apenas sob a perspectiva do colonizador, recriando identidades e reformulando crenças e atitudes que permeavam o imaginário coletivo, a partir de narrativas híbridas construídas tanto a partir das versões da história quanto das possibilidades do discurso ficcional.

É nesse sentido que Esteves (2007) também afirma que as modalidades críticas do romance histórico possibilitam trazer à tona figuras que foram outrora marginalizadas, periféricas ou “ex-cêntricas” – na concepção de Hutcheon (1991) –, rejeitadas ou esquecidas pelas narrativas hegemônicas. Para o autor, esse gênero literário busca proporcionar ao leitor uma espécie de viagem no tempo, permitindo penetrar em um mundo de fantasia, por meio de técnicas narrativas como a paródia, a dialogia e a diglossia, diferentes níveis de intertextualidade.

Ao pensar sobre as figuras menosprezadas, enfatizamos a necessidade de conhecer o pensar e o agir da protagonista María de Sanabria, que se enquadra nessa categoria da história “vista de baixo” (SHARPE, 2011), pois a perspectiva feminina não era levada em conta na época dos descobrimentos das novas terras. Desse jeito, o romance apresenta “um foco narrativo geralmente centralizado e ex-cêntrico” (FLECK, 2017), uma das características do romance histórico contemporâneo de mediação. Ela era uma personagem que vivia à margem da sociedade, mas que agora é privilegiada quando tem a chance de expor seu raciocínio e plano de uma expedição comandada por uma mulher.

Sharpe (2011) acredita que a história “vista de baixo” usufrui de duas prerrogativas que podem causar grandes transformações na forma como as narrativas conseguem ser analisadas:

A história vista de baixo ajuda a convencer aqueles de nós nascidos sem colheres de prata em nossas bocas, de que temos um passado, de que viemos de algum lugar. Mas também, com o passar dos anos, vai desempenhar um importante papel, ajudando a corrigir e a ampliar aquela história política da corrente principal que é ainda o cânone aceito [...]. (SHARPE, 2011, p. 62-63).

A união do campo histórico e literário amplia em larga escala a competência de análise e permite temas e ações inexplorados virem à tona. Um exemplo disso é discurso proferido pela personagem María de Sanabria, que não se intimida pela sua condição de “sexo frágil” e manipula não só o pai, Juan de Sanabria, como o famoso conquistador dom Álvaro Núñez Cabeza de Vaca⁴. Sem a ajuda de Cabeza de Vaca, o plano de María não teria saído de sua imaginação, pois é ele, com sua influência, que agencia a compra do navio, consegue a presença de uma figura religiosa que possa acompanhar o traslado e convence o capitão Juan de Salazar a levar o navio até o Rio da Prata.

Os primórdios do romance *María de Sanabria* (2008) mostram como a personagem masculina, Juan, tenta manusear a filha, oferecendo-a em casamento a Cabeza de Vaca, que é mantido sob custódia do governo espanhol à espera de seu julgamento. Todavia, a protagonista, María, faz uso desses momentos na companhia de Cabeza de Vaca para colocar o plano de sua expedição em prática e lhe pede ajuda: “Sou eu quem vai comandar a expedição, quem vai descobrir os mistérios das selvas do Paraguai, quem vai pacificar os antropófagos e quem vai fazer um acordo com as amazonas!” (BRACCO, 2008, p. 31); e “_Eu quero ir. _Em qual expedição? _Na minha.” (BRACCO, 2008, p. 33).

Diferentemente do que é ficcionalizado no romance de Bracco, muitas mulheres retratadas pela historiografia tradicional apresentam um papel secundário, daquela que acompanha o marido ou que está presente para auxiliar. Em *María de Sanabria* (2008), não apenas se subverte esse papel da mulher, ao trazer María como personagem protagonista e comandante de uma expedição marítima, como também se apresenta a subversão do papel masculino, ao se retratarem homens que são manipulados e comandados por uma mulher – ao contrário do que majoritariamente aconteceu na história da mulher.

Além do astuto Cabeza de Vaca, María conta com a ajuda de Frei Augustín, uma personagem que se mostra mais flexível em relação aos fazeres masculinos e femininos e disposto a modernizar algumas atitudes da época. A protagonista convence a figura religiosa a mencionar seu plano para mulheres que foram culpadas por seus atos ilícitos e, assim, ela consegue angariar mulheres para sua tropa:

⁴ As personagens María de Sanabria, Mencía de Sanabria, Juan de Sanabria e Cabeza de Vaca são retiradas do campo da historiografia e trazidas para dentro da ficção. Segundo André Trouche (2006, p. 44), o termo personagem de “extração histórica” pode ser utilizado para elaborar referência ao “conjunto de narrativas que encetam o diálogo com a história, como forma de produção de saber e como intervenção transgressora [...]”. A partir disso, utilizamos esse termo também como uma forma de definição para as personagens fictícias. Por isso, não só as narrativas, mas as personagens também podem ser definidas dessa forma, de “extração histórica”.

_Que no Rio da Prata não há mulheres espanholas. Que quanto mais mulheres forem na expedição, mais felizes ficarão na Corte. Precisam que os conquistadores ali ilhados se casem e que nasçam filhos legítimos de espanhóis. Necessitam frear o intolerável abuso cometido contra as índias. [...] Arriscam-se a perder o país, porque já há dez mestiços para cada espanhol. Não colocam Cabeza de Vaca no comando porque não têm força para isso. Aceitarão de bom grado todas as mulheres em idade de casar que queiramos levar. (BRACCO, 2008, p. 105).

Por meio dessa corajosa atitude de não querer se tornar submissa a um homem na Espanha e poder escolher seu futuro esposo, María de Sanabria manuseia pessoas conhecidas e o governo espanhol em prol de sua libertação e das demais mulheres, que sofreram nas mãos de pais, maridos e noivos devido a uma cultura patriarcal. Dessa maneira, o romance recria um evento do passado – a expedição do de Diogo Sanabría, irmão de María para o Rio da Prata –, mas pela perspectiva feminina. Consequentemente, conforme o romance histórico contemporâneo de mediação mostra, existe “uma releitura crítica verossímil do passado” (FLECK, 2017) empreendida pelas ações da obra, mas que não seguem a exaltação das narrativas históricas clássicas e tradicionais e tampouco descontroem como os novos romances históricos latino-americanos e as metaficcões historiográficas.

A obra, em estudo, busca ofertar uma releitura dessa expedição em direção ao Rio da Prata, no século XVI, mas mantém grande parte dos acontecimentos com o propósito de ofertar credibilidade ao seu leitor, que precisa criar um pacto com o narrador ou autor e acreditar que a diegese proferida faz sentido. Mesmo que *María de Sanabria* (BRACCO, 2008) não empregue o irmão Diogo de Sanabria a frente da expedição, ela existiu perante a historiografia tradicional e trouxe a figura histórica, María, como uma acompanhante da família. A literatura inverte a história e eleva uma mulher para esse papel: de grande navegadora. No romance, María consegue convencer o irmão a permanecer na Espanha e manter o padrão de vida boêmio que levava. Ele passa uma procuração de negócios para a mãe, que transfere poderes à filha, María de Sanabria, e essa então lidera três caravelas para a região do Rio da Prata.

Além da presença de María de Sanabria ressignificada dentro da diegese romanesca, algumas outras personagens femininas foram essenciais para que essa expedição acontecesse, como Marta, Juana de Pérez, Justa Velázquez e Josefa Díaz – personagens consideradas desvalidas e imorais pela história tradicional.

A primeira delas, Marta, era empregada de María na Espanha. Embora tenha sido os olhos e ouvidos de María dentro da casa de seu pai, ofertando informações secretas sobre os negócios da família e traindo o homem que lhe ofertou emprego, ela deserta da expedição com medo de morrer engolida pelo mar e nunca conseguir chegar viva em terras paraguaias.

A segunda, Juana Pérez, era apaixonada por um homem de bom caráter, mas ele era judeu. Como alguém o havia delatado para a Inquisição, ele confessou coisas que nem eram verdades, mas o fez para se livrar dos castigos. Depois, se matou. Porém, Juana estava decepcionada e assassinou o homem que entregou seu amado para a Inquisição.

A terceira, Justa Velázquez, cansada dos abusos sexuais impostos pelo pai, o matou com vidro moído na comida. Tanto ela como a mãe foram presas, mas a mãe alegou histórias falsas para se livrar da culpa e condenar a filha. No fim, a mãe foi condenada e a filha solta.

A quarta e última delas, Josefa Díaz, era considerada uma puta. Com base numa tragédia familiar financeira – o pai sumiu nas Índias, a mãe adoeceu, o irmão se envolveu com crime e matou dois homens –, ela empenhou aquilo que tinha, o corpo. Ela era sempre muito assediada pelos homens por causa de sua beleza e, para sobreviver, fez o que era necessário.

Assim, não foram apenas as mulheres consideradas de boa conduta enviadas ao Rio da Prata, porque aquelas ditas como de má fama também fizeram parte da expedição de María de Sanabria, mas com o intuito de escapar das críticas de uma sociedade que insistia em colocá-las sob o jugo da inferioridade e do rótulo de estarem erradas ao lutarem por respeito e desejarem que os abusos cessassem.

Em relação à situação da mulher no século XV e XVI, Fernández Álvarez (2002) assevera que o mundo exterior cabe ao homem, mas que o espaço interno da casa é de domínio da mulher; e, assim, ela se tornava submissa. Esperava-se dela alguns comportamentos:

[...] ser complaciente con el marido, siempre fiel y con buen semblante, entre sumiso y enamorado; con carácter firme ante los hijos, más bien severa que tierna y bondadosa, a fin de enderezarles en sus principios; vigilante con el servicio, para que cumpliera con sus obligaciones, [...]. Sin olvidar una de sus mayores obligaciones: ser buena paridera, en especial de hijos varones.⁵ (FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, 2002, p. 120).

Esse tipo de mulher é, em parte, visualizado no romance *María de Sanabria* (BRACCO, 2008), pois, conforme a protagonista aponta, é um dos seus desejos: casar com conquistadores espanhóis e gerar filhos legítimos. No entanto, que isso seja feito a partir de uma escolha da mulher e não de uma imposição paterna baseada em poder, dotes e ordens,

⁵ Nossa tradução: Ser complacente com o marido, sempre fiel e com um bom semblante, entre submissa e apaixonada; com caráter firme perante os filhos, mas bem severa que terna e bondosa, a fim de transmitir-lhes seus princípios; vigilante com o serviço, para que cumprira com suas obrigações, [...]. Sem esquecer uma de suas maiores obrigações: ser boa parideira, em especial de filhos homens.

como ela mesmo disse à mãe, “sua filha jura por suas chagas [...] que já começou a organizar as tropas que nos tirarão dos infernos.” (BRACCO, 2008, p. 53).

Para Fernández Álvarez (2002, p. 76), “*la mujer carece de protagonismo fuera del hogar; en hogar de sí, allí está em sus dominios.*”⁶ É, justamente, esse protagonismo que a personagem central do romance, María, oferece como exemplo às demais, sejam aquelas 49 mulheres que viajam com o aval da coroa espanhola ou aquelas 13 contrabandeadas, como Juana Pérez, Justa Velázquez e Josefa Díaz.

De acordo com Aínsa (2003, p. 33), “*la ficción ha sido el complemento necesario de la historia del período de la conquista y colonización*”⁷ porque consegue apresentar momentos que não puderam ser expostos ou foram ocultados de forma intencional. Entre eles, relatamos circunstâncias do romance que mostram o curso da aventura marítima, que tomou rumo aos 10 dias do mês de abril de 1550. Além de sofrerem com uma epidemia de febre bem como a falta de água e mantimentos, ocorre um roubo no navio de María de Sanabria por corsários. Ela, guiada pelo capitão Salazar e o arcabuzeiro Hans Staden, personagens de extração histórica, a não revidar, oferta alguns itens como joias e tecidos. Porém, quando o piloto e o oficial do navio corsário se deparam com o porão do navio cheio de mulheres dispostas a qualquer ato, inclusive detonar pólvora e matar todos, mas não perderem a honra, se dão conta do azar que é ter uma embarcação cheia de mulheres:

_Senhores, o que vão encontrar os surpreenderá, mas não pretende ser uma ameaça em suas vidas. [...]
_O que isso significa?
_Que juramos perder a vida antes da honra – respondeu uma voz de mulher.
(BRACCO, 2008, p. 205).

Além desse momento turbulento, há o estupro da moça chamada Inés, que fazia parte do grupo de mulheres enviadas com o aval da corte espanhola. A protagonista María não consegue acreditar no ato vil e precisa que uma de suas amigas lhe traga a realidade do acontecimento: “Ela foi vio-len-ta-da, es-tu-pra-da! Informe-se! – cuspiu Juana.” (BRACCO, 2008, p. 218). As jovens Juana, Justa e Josefa decidem fazer justiça com as próprias mãos novamente, reforçando a característica da mulher precisar se defender dos abusos masculinos uma vez que parece não haver lei que faça. As personagens que efetuaram o estupro são mortas com vinho envenenado e, um deles, com uma facada, mas tudo parece ter sido uma

⁶ Nossa tradução: A mulher tem falta de protagonismo fora de casa; em casa de si mesma, ali ela está em seus domínios.

⁷ Nossa tradução: A ficção tem sido o complemento necessário da história do período da conquista e da colonização.

briga causada entre homens por desavenças de jogo. Novamente, a ação feminina toma conta do ato e resolve questões que, aparentemente, seriam menosprezadas pelos atos masculinos, que se julgavam no direito de fazer o que bem desejassem.

Nem tudo é problema e temor dentro da expedição de María de Sanabria, pois ela se apaixonou pela personagem Hans Staden, que corresponde sua paixão. Ambos possuem em breve relacionamento, mas que ela pretende oficializar o matrimônio assim que colocar os pés no Rio da Prata, pois ela sabe da necessidade de ter um homem ao seu lado. Todavia, a protagonista também se interessa pela personagem Dom Hernando de Trejo, um homem de posses que acompanha a expedição e que também corresponde ao seu interesse. Essa viagem permite que ela tenha a liberdade de poder escolher seu futuro marido a partir de uma decisão própria conforme ela mesma proferiu: “Não vou me resignar! Não passarei da tutela de alguns homens na Espanha para o domínio de outros no mar e depois no Rio da Prata.” (BRACCO, 2008, p. 111).

O romance *María de Sanabria* (BRACCO, 2008) também evidencia a característica da polifonia – um recurso escritural bakhtiniano que se utiliza da multiplicidade de vozes dentro de um texto – ao mostrar como diferentes perspectivas vão de encontro. A imposição paterna da ideologia patriarcal sobre o papel da mulher submissa, a visão materna ao suportar os abusos do marido em prol da segurança das filhas María e Mencita, a insegurança do frei Agustín por duvidar que uma mulher fosse capaz de liderar uma tropa ao Rio da Prata, a certeza de María de Sanabria em acreditar no seu potencial de desbravadora e a confiança de Hans Staden na protagonista ao acreditar que ela pode sim fazer sua tropa de mulheres chegar ao local desejado ressaltam as diferentes perspectivas. Esses pontos também nos guiam para mais uma característica do romance histórico contemporâneo de mediação, que “aproveita-se, também, de recursos bakhtinianos como a dialogia, a polifonia, as intertextualidades, além, é claro, da paródia.” (FLECK, 2017, p. 111).

Outro recurso apresentado ao longo do romance em estudo é o “emprego de uma linguagem simples e de uso cotidiano [...]. As frases são, geralmente, curtas e elaboradas de preferência em ordem direta, e com um vocabulário mais voltado ao domínio comum que ao erudito.” (FLECK, 2017, p. 110-111). Tanto María de Sanabria como as demais personagens dialogam constantemente e utilizam um linguajar mais simples e de fácil compreensão para seu leitor. Tal momento pode ser destacado no seguinte excerto, quando enxergam terras brasileiras de uma das caravelas:

_Foi fácil percorrer o caminho que leva à glória. A do meu tio Hernán Cortés, assassino de sua esposa. A de Juan de Sanabria, carrasco de minha mãe. A do nosso querido náufrago Cabeza de Vaca. Você sabe que o capitão Salazar deveria reconhecer que foi minha a tropa e não a dele que nos trouxe até aqui. (BRACCO, 2008, p. 260).

A diegese romanesca não revela o encontro com as terras do Rio da Prata, mas mostra o momento em que, após inúmeros percalços, as caravelas se encontram aportando em terras brasileiras, na região de Santa Catarina. A alegria de terem sobrevivido a uma grande febre, que poderia ter levado imensa parte da tripulação, e os perigos marítimos são transmitidos na conversa entre a jovem Josefa Díaz e o frei Agustín:

_Nova terra, nova vida! – vaticinou.

_Deus queira, respondeu o frade.

_Tudo isto – murmurou Josefa, esfuziante de felicidade – para aprender que nós que atravessamos o mar temos que mudar de ar e não de alma. (BRACCO, 2008, p. 263).

De maneira geral, podemos afirmar que o romance *María de Sanabria* (BRACCO, 2008) apresenta uma diegese linear dos eventos que busca fazer uma releitura. Destacam-se as conversas iniciais da protagonista, María de Sanabria, com o conquistador Cabeza de Vaca, a execução do seu plano para ter acesso aos barcos e a angariação da sua tropa de mulheres com a ajuda do frei Agustín, os percalços marítimos e a chegada em terras brasileiras. Essa também é uma das características do romance histórico contemporâneo de mediação, “que busca seguir a linearidade cronológica dos eventos na diegese, fixando-se neles para assegurar o avanço da narrativa.” (FLECK, 2017, p. 110).

A importância de colocar em evidência a modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2007, 2011, 2017) como uma opção de análise reside no fato de que é “produto da própria releitura contemporânea que o gênero romance histórico efetua de sua trajetória, num intenso processo de autorrenovação que faz do romance histórico a expressão mais apreciada do gênero romanesco em nossos dias.” (FLECK, 2017, p. 107).

CONCLUSÃO

O romance *María de Sanabria* (BRACCO, 2008) mostra a releitura crítica mediadora de um grande evento histórico: a vinda de inúmeras mulheres para a Região da Prata, liderada por María de Sanabria. A protagonista não se deixa abater pelos dizeres masculinos que tentam solapar suas ações e acredita, firmemente, que seu plano será efetivado.

Ao longo de nossa análise, revivemos a presença de Maria de Sanabria dentro do campo literário e como suas ações possibilitaram uma ressignificação fictícia de seus atos outrora não evidenciados pela historiografia tradicional. Sua viagem marítima também foi relida e as dificuldades enfrentadas, não só por ela, mas como pelas demais mulheres, foi trazida à tona. A ideia de que mulheres eram apenas mau agouro no mar é desconstruída e sua força de participação é exaltada e reconhecida quando impõem temor e respeito aos corsários, estabelecendo, por meio da literatura, uma subversão de papéis com relação à figura da mulher, majoritariamente representada como submissa a figuras masculinas pela historiografia tradicional.

Não sabemos se conseguiram levar a palavra de Deus aos “selvagens”, mas temos conhecimento da intenção do frei Agustín de fazer com que isso acontecesse: “Mas queira Ele que eu seja capaz de levar aos índios pelo menos um pouco de luz [...]” (BRACCO, 2008, p. 191). Um pouco adiante, ele também quer marcar suas passagens por uma das ilhas onde trocaram mantimentos e conseguiram água:

_Não devemos passar em vão por esta terra. A senhora vai me permitir, em nome de Deus, que eu vá até lá e deixe em terra uma cruz santa. Em nome do Imperador, talvez seja conveniente deixar um marco com suas armas neste lugar qual a providência nos trouxe. (BRACCO, 2008, p. 193).

A trajetória dos acontecimentos deixa claro que a protagonista consegue levar sua tropa de mulheres para novas terras, mas não sabemos se elas desposaram colonizadores espanhóis legítimos e geraram filhos desses matrimônios, por isso, atentamos que parte dos seus objetivos foram alcançados, mas nem todos. Todavia, existe a perspectiva de uma nova vida para aquelas mulheres que acreditaram no seu fazer e nos seus sentimentos. Não só a personagem María de Sanabria, mas também Juana Pérez, Justa Velázquez, Josefa Días e tantas outras possuem a chance de fazer suas escolhas em uma nova terra.

Todos os acontecimentos ao longo de *María de Sanabria* (BRACCO, 2008) revelam a descentralização do fazer masculino no Novo Mundo ao evidenciar uma mulher à frente de uma expedição que manuseou pessoas famosas e o governo espanhol para romper com ideias patriarcais, de submissão e de exclusão. O ato de (re)ler e (re)inserir perspectivas femininas sobre a temática da colonização revela a necessidade de mostrar que as mulheres não estiveram excluídas dos processos de colonização, mas eram menosprezadas pelo prisma masculino. A protagonista, María de Sanabria, se mostrou uma jovem destemida e capaz de

reformular a consciência histórica em relação às ações femininas do século XVI, que foram ocultadas pelos registros documentais.

ABSTRACT

The novel *María de Sanabria* ([2006]2008), by Diego Bracco, deals with the legendary expedition of María de Sanabria, the protagonist of the literary work, who leaves Spain towards the Rio de la Plata, in the middle of the 16th century. The main objectives of this character are to lead her troop of women to the New World to bring the word of God to those considered "savages", to offer an opportunity for some women to redeem themselves from attitudes that were considered sins and, through marriage with Spanish conquerors, to generate legitimate children in order to avoid a miscegenation between European and native people. In this literary work, the protagonist proves to be a fearless young woman capable of reshaping the historical consciousness regarding women's actions in the 16th century. The novel blends historical and fictional events and, thus, we aim at evidencing a critical mediating rereading of the events disseminated by traditional historiography, framing it in the most recent modality of the historical novel genre - the contemporary historical novel of mediation. Our analysis is anchored, mainly, in the theoretical assumptions of Mata Induráin (1995), Márquez Rodríguez ([1991]1996), Pesavento (1999), Fernández Álvarez (2002), Aínsa (2003), Fleck (2017), and Sharpe ([1991]2011). This article showed the presence of the protagonist María de Sanabria within the literary field, presented a fictional resignification of her image, a rereading of her maritime adventure until she reached Brazil, and found that part of her main objectives had not yet been achieved. In addition, it highlighted the decentralization of the masculine doing in the New World by evidencing a woman at the head of an expedition.

Keywords: *María de Sanabria* (2008), Diego Bracco, Contemporary historical novel of mediation, Historical novel, Spanish literature.

REFERÊNCIAS

AÍNSA, F. La nueva novela histórica latinoamericana. **Plural**, México, 1991, p. 82-85.

AÍNSA, F. **Reescribir el pasado: historia y ficción en América Latina**. Mérida, Venezuela: CELARG, 2003.

BRACCO, D. **María de Sanabria**. Tradução: Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ESTEVES, Antônio R. O romance histórico brasileiro no final do século XX: quatro leituras. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 114-136, dezembro 2007.

FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, M. **Casadas, monjas, ramerás y brujas: la olvidada historia de la mujer española en el renacimiento**. Madrid: Espasa Calpe, 2002.

FLECK, G. F. A conquista do "entre-lugar": a trajetória do romance histórico na América. **Gragoatá**, N. 23, p. 149-167, 2007.

FLECK, G. F. Gêneros híbridos da contemporaneidade: o romance histórico contemporâneo de mediação – leituras no âmbito da poética do descobrimento. In: RAPUCCI, C. A.;

CARLOS, A. M. (Orgs.). **Cultura e representação: ensaios**. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2011. p. 81-95.

FLECK, G. F. **O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção**. Curitiba: CRV, 2017.

HUTCHEON, L. **A poética do pós-modernismo: história teoria e ficção**. Tradução: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MÁRQUEZ RODRIGUEZ, A. **Historia y ficción en la novela venezolana**. 2. ed. Caracas, Venezuela: La Casa de Bello, 1996.

MATA INDURÁIN, C. Retrospectiva sobre la evolución de la novela histórica. In: SPANG, K., ARELLANO, I.; MATA INDURÁIN, C. (Orgs.). **La novela histórica: teoría y comentarios**. Navarra, España: EUNSA, 1995. p. 13-63.

MENTON, S. **La nueva novela histórica da la América Latina: 1979-1992**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

PESAVENTO, S. J. Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura. **Anais do XX Simpósio Nacional de História – ANPUH**. Florianópolis, V. 2, julho 1999, p. 819-831.

SCHUMAHER, S.; BRAZIL, E. V. **Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SCOTT, W. **Waverly**. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/files/5998/5998-h/5998-h.htm>> Acesso em: 23 jun. 2021.

SCOTT, W. **Ivanhoé**. Tradução: Roberto Nunes Whitaker. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

SHARPE, J. A história vista de baixo. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 39-63.

TROUCHE, A. **América: história e ficção**. Niterói: EdUff, 2006.

WHITE, H. **Meta-História: a imaginação histórica do século XIX**. Tradução: Laurênio de Melo. 2. ed. 2. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.